

In face of COVID-19 epidemics, a study on connectivity and conditions of undergraduate studies in a Brazilian public university¹

Frente a la epidemia de COVID19, un estudio sobre la conectividad y las condiciones de estudio de los estudiantes de una universidad pública brasileña

Face à epidemia COVID19, um estudo sobre conectividade e as condições de estudo de estudantes de uma universidade pública brasileira²

Graziela Perosa³, Veronica Guridi⁴, Diego Falceta-Gonçalves⁵

Enviado: 30/10/2020

Aprobado: 10/11/2020

Doi: 10.25087/resur9.10.a7

¹ Agradecemos o presidente da comissão de graduação, Prof. Thiago Franco, pelo seu incentivo e apoio à realização deste trabalho. Participaram da elaboração do questionário os professores Ester Gamardella, Marcio Moretto, André Moutian e Humberto Miguel Garay, todos da EACH/USP e a representação discente na Comissão de Graduação em 2020, a quem somos muito gratos pelas sugestões e pelo auxílio na aplicação do instrumento. A análise dos resultados apresentados, contudo, é de inteira responsabilidade dos autores.

² Participaram da elaboração do questionário os professores Ester Gamardella, Marcio Moretto, André Moutian e Humberto Miguel Garay a quem somos muito gratos. Da mesma forma agradecemos a interlocução com a representação discente na Comissão de Graduação no aprimoramento do questionário e no trabalho de difusão do instrumento nas redes sociais. Contudo, a análise dos resultados apresentados aqui é de inteira responsabilidade dos autores.

³ Professora Associada da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais e pesquisadora do Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas (OIPP/EACH/USP). Possui doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo e Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Contato: grazielaperosa@yahoo.com.br.

⁴ Professora em regime de dedicação integral à docência e pesquisa na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Coordenadora do curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais e membro da Comissão de graduação (EACH/USP). Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática e Física - UNICEN, Mestrado em Epistemologia e Metodologia da Ciência - UNMdP, Doutorado em Educação (orientação Ensino de Ciências e Matemática) pela USP. Contato: veguridi@usp.br.

⁵ Professor Titular na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. É Bacharel em Física com Habilitação em Astronomia pelo Instituto de Física da Universidade de São Paulo (2000). Concluiu seu Doutorado em Astronomia, pelo IAG/Universidade de São Paulo, em 2005. Foi Vice-Diretor Executivo da FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular, da USP) e atualmente é vice-presidente da Comissão de Graduação da EACH/USP. Contato: dfalceta@usp.br.

Abstract:

With the outbreak of COVID19 pandemic, all educative institutions were forced to implement remote teaching. One of the hypotheses that rose with greater force was that social inequalities would enlarge inequalities in internet access and study conditions among students. In face to this impasse, graduate commission of one unity of a Brazilian public university, decided to develop a study in order to correlate social characteristics of students, connectivity conditions (internet access and available equipments), and home study conditions. This works presents the results of that study that involved 1.681 graduate students. It was elaborated a questionnaire, available online during a week. A qualitative/quantitative analysis was conducted, relating internet access and home conditions of study, in EaD and/or online modality. Analysis and results obtained made it possible to refute the inference that establish a linear relationship between quantity of equipments and familiar income of a student and the probability of that student favorable to remote teaching. Other hypotheses raised on, such as that the opinion about the continuity of the school semester in that conditions would depend on another kind of factors.

Resumen:

Con la eclosión de la pandemia de COVID19, todas las instituciones de enseñanza tuvieron que implementar la enseñanza a distancia, y una de las hipótesis que surgieron más fuertemente fue que las desigualdades sociales ampliarían las desigualdades en las condiciones de estudio y de acceso a internet entre los estudiantes. Frente a ese impase, en una universidad pública brasilera, la comisión de grado de una unidad optó por realizar un estudio que permitiese correlacionar características sociales de los estudiantes, condiciones de conectividad (acceso a internet y equipamientos disponibles) y de estudio domiciliar. El presente trabajo presenta los resultados de ese estudio, realizado con 1.681 estudiantes de grado. Fue elaborado un cuestionario disponible online durante una semana y realizado un análisis cuali/cuantitativo, relacionando condiciones de morada, de acceso a internet y de estudio domiciliar, en la modalidad online y/o EaD. Los análisis y resultados obtenidos posibilitaron refutar la inferencia de que cuanto mayor es el ingreso familiar, o cuantos más equipamientos un estudiante posee, mayor será la probabilidad de ser favorable a la enseñanza a distancia, surgiendo otras hipótesis como la de que la

opinión sobre la continuidad del semestre lectivo en esas condiciones puede depender de otro tipo de factores.

Resumo:

Com a eclosão da pandemia de COVID19, todas as instituições de ensino tiveram que implementar o ensino à distância, e uma das hipóteses que surgiram com maior força foi a de que as desigualdades sociais ampliariam as desigualdades nas condições de estudo e de acesso a Internet existentes entre os estudantes. Diante deste impasse, em uma universidade pública brasileira, a comissão de graduação de uma unidade optou por fazer um estudo que permitisse correlacionar as características sociais dos estudantes, suas condições de conectividade (acesso à internet e equipamentos disponíveis) e de estudo domiciliar. O presente trabalho apresenta os resultados desse estudo, realizado com 1681 estudantes de graduação. Foi elaborado um questionário disponibilizado online durante uma semana e realizada uma análise quali/quantitativa, relacionando as condições de moradia, de acesso à Internet e de estudo domiciliar, na modalidade online e/ou EaD. As análises e resultados obtidos possibilitaram refutar a inferência de que quanto maior for a renda familiar, ou quanto mais equipamentos um estudante possui, maior será a probabilidade de ser favorável ao ensino à distância, surgindo outras hipóteses como a de que a opinião sobre a continuidade do semestre letivo nessas condições pode depender de outro tipo de fatores.

1- Contextualização

Com a eclosão da pandemia de COVID19 e o decreto de quarentena a toda a população em fins de março, todas as instituições educacionais do mundo foram confrontadas com a necessidade de propor modalidades de ensino à distância, visando a reduzir os prejuízos no ensino de graduação. Duas posições antagônicas a esse respeito ocuparam o debate no início da pandemia. De um lado, argumentava-se que as desigualdades sociais e, portanto, as disparidades de equipamentos e de conectividade ampliariam as desigualdades existentes entre os estudantes. De outro, propunha-se que todos os recursos tecnológicos existentes fossem mobilizados para garantir a continuidade de atividades sistemáticas de

estudo. Diante deste impasse, optou-se por fazer um estudo que permitisse correlacionar as características sociais dos estudantes, suas condições de conectividade (acesso à internet e equipamentos disponíveis) e de estudo na última semana de março de 2020.

Antes de examinarmos os resultados, importa precisar alguns elementos contextuais e noções que passaram a organizar o debate no ambiente acadêmico neste tumultuado início de 2020. Embora as desigualdades sociais e educacionais não tenham sido descobertas com a pandemia, discussões foram reavivadas na medida em que o debate público nas instituições educacionais, na mídia, no ambiente universitário para não mencionar pais, professores e estudantes passaram a oscilar entre a posição de não iniciar as atividades à distância visando a não contribuir para a reprodução das desigualdades sociais e educacionais e aqueles que defendiam a importância de nos adaptarmos o quanto antes às restrições impostas pela crise sanitária.

Há muito tempo se sabe que às desigualdades sociais, anteriores à escola, são redobradas por desigualdades educacionais. Essas podem ser definidas como diferenças de acesso e de orientação no interior dos sistemas de ensino derivadas da origem social, geográfica, de etnia ou cor da pele e de gênero, mais frequentemente. O tema remonta aos clássicos da sociologia e de educação. Em 1904, em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber (1904) ocupou-se de demonstrar a distribuição desigual dos estudantes, segundo as classes sociais, dos diferentes tipos de ensino secundário na Alemanha. A partir de 1960, surgem estudos em todo o mundo, com bases estatísticas mais robustas, nas quais se demonstravam as chances desiguais de acesso ao ensino superior (Bourdieu & Passeron, 1964; Boudon, 1973), no momento em que a posse do diploma de ensino superior tornou-se uma prerrogativa para o ingresso nos postos mais altos do mundo do trabalho. Tais estudos comprovaram aquilo que uma infinidade de outros trabalhos apontaram durante todo século XX que havia uma relação substantiva e durável entre desigualdades sociais e desigualdades educacionais.

Desde 2002, avaliações em escalas internacionais, como o PISA, revelam, de acordo com Baudelot & Establet (2009), que a associação entre o nível socioeconômico das famílias e o rendimento escolar é universal, podendo ser verificada, em diferentes intensidades de verdade, em todos os países do mundo, sem exceção. Eles argumentam ainda que, de acordo com os resultados do PISA, nota-se que quanto maior a desigualdade social de um país, mais baixo tende a ser o desempenho do sistema educacional como um todo. Países asiáticos como o Japão e a Coreia, ou europeus, como a Finlândia, apresentam correlações

mais fracas e mesmo países europeus como a França ou a Espanha apresentam fortes correlações desta associação. Na América Latina, no Brasil em particular, a mesma associação apresenta correlações extremamente fortes, o que por si só justifica a preocupação com ações na universidade que não intensifiquem ainda mais essa realidade.

No âmbito do ensino superior, tradicionalmente, a relação entre desigualdades sociais e desigualdades educacionais aparece primeiramente no fato de que os diferentes grupos sociais estão desigualmente representados no seu interior. Sendo as categorias sociais maiores no conjunto da sociedade, menores no ensino superior (Bourdieu & Passeron, 2014). Depois, a mesma associação se verifica na ocupação desigual das carreiras (Almeida & Ernica, 2015; Perosa & Costa, 2015; Ribeiro, 2011; Ribeiro et al., 2015), sendo os cursos que preparam para o exercício do magistério os maiores receptores dos filhos das camadas populares e médias e os cursos que dão acesso às profissões liberais mais seletivos socialmente. Manifesta-se ainda na sobrevivência das carreiras, predominante, femininas e masculinas (Delvigne & Duru-Bellat, 2003), sem desconsiderar os notáveis progressos das últimas décadas que contribuíram para o ingresso progressivo das meninas em carreiras masculinas (direito, medicina e engenharias, etc.) (Baudelot & Establet, 2007).

Sem a pretensão de esgotar este longo debate, nos interessa aqui apresentar os resultados de um estudo sobre as desigualdades de acesso às tecnologias digitais no interior de uma unidade de uma universidade pública brasileira e, portanto, das condições de estudo. Nos dias que se sucederam ao decreto de pandemia no Estado de São Paulo quando a universidade em questão declarou que atividades de ensino não presenciais seriam adotadas imediatamente. Tal decisão, inicialmente, gerou reações contrárias de professores e estudantes que viam aí a oportunidade para ampliar as desigualdades de educacionais dada a heterogeneidade do nível socioeconômico da população estudantil. Ademais, outras universidades públicas, como as Federais, inicialmente, optaram por suspender temporariamente as atividades didáticas devido a pandemia. Some-se a isso o fato de que a “educação à distância” é percebida na comunidade acadêmica, no Brasil, como um recurso quase exclusivo do setor privado de educação superior, responsável em 2015 por 74 % das matrículas. Em parte, uma reação semelhante a aquela descrita por Fritz Ringer para a comunidade acadêmica alemã, face à massificação do ensino dos fins do século XIX, percebida como um caminho inexorável rumo à perda da qualidade dos sistemas educacionais (Ringer, 2000).

2- Metodologia

Neste contexto complexo e desafiador, cientes da realidade do peso das desigualdades sociais sobre os resultados escolares, optamos por inventariar com base em um questionário as condições de acesso às TIs dos estudantes de graduação da Universidade de São Paulo (USP) de uma unidade de uma das maiores e mais prestigiosas universidades públicas brasileiras, instalado em 2005 no subúrbio da cidade de São Paulo, com mais de 4.700 estudantes de graduação. Resultado de uma iniciativa dos poderes públicos que se insere em uma nova onda de expansão do acesso ao ensino superior brasileiro, público e privado, nos anos 2000 (Corbucci, 2014). A estratégia de distribuir unidades de ensino e pesquisa nas periferias das grandes cidades brasileiras, assim como no interior dos estados brasileiros, visou atrair um público tradicionalmente distante da educação superior, o que se inscreve em um conjunto mais amplo de políticas públicas educacionais que procuraram democratizar o acesso às universidades públicas no país, responsáveis por aproximadamente um quarto das matrículas no ensino superior brasileiro. Conscientes da missão desta unidade de ensino, logo nos primeiros dias que se seguiram à interrupção das atividades presenciais, a comissão de graduação desenvolveu este estudo que pudesse subsidiar as ações ao longo de 2020.

Diante da repentina suspensão de aulas em função da epidemia do COVID19, depois de uma longa discussão sobre os prejuízos ao semestre, a mencionada comissão deliberou por maioria recomendar o desenvolvimento de atividades à distância pelos professores (n=280) vinculados aos onze cursos de graduação dessa unidade, hoje com 4.731 estudantes de graduação. Nesse cenário, surgiu uma preocupação com as possíveis desigualdades de acesso à internet derivadas de desigualdades sociais dos estudantes. Dessa forma, optou-se por construir um instrumento, em caráter emergencial, capaz de medir com maior acuidade as condições de estudo da população estudantil. O questionário foi disponibilizado, virtualmente, durante a semana de 23 a 27 de março de 2020. Responderam ao questionário 1681 estudantes de graduação da Escola, um percentual de aproximadamente 35 % do total de estudantes regularmente matriculados.

O principal objetivo deste instrumento foi conhecer melhor as condições de estudo e algumas características sociais dos estudantes a quem seriam endereçadas às aulas não

presenciais e suas condições de acesso à internet, bem como suas principais dificuldades e preferências relativas aos dispositivos disponíveis de interação virtual atualmente, com vistas a subsidiar as decisões da Comissão de Graduação da unidade e a melhorar a qualidade das ações da gestão da crise sanitária no contexto de uma universidade pública brasileira. Desenvolvemos uma análise quali/quantitativa das respostas obtidas ao questionário aplicado ao corpo discente, relacionado com as condições de moradia, de acesso a Internet e de estudo em casa, na modalidade online e/ou EaD⁶. Apresentamos, a seguir, os resultados dessa análise.

3- Resultados

O presente estudo está organizado em quatro partes. Na primeira, encontramos as informações que nos permitem conhecer um pouco dos nossos respondentes, reunindo características sociodemográficas básicas (e.g. sexo, idade, local de residência). Em seguida, apresenta-se os dados obtidos sobre as condições de acesso à internet. A partir daí reunimos também, a título ilustrativo, passagens dos comentários de nossos estudantes que nos permitiam ver aquilo que as estatísticas não revelam. Em especial, as dificuldades e fragilidades relacionadas à pandemia aparecem de maneira mais evidente nestes depoimentos que mencionam os problemas dos domicílios pequenos, da preocupação e falta de concentração, de uma espécie *laissez-faire* pedagógico do corpo docente, inevitável, sobretudo, no contexto da passagem, em menos de um mês, de aulas presenciais para aulas à distância. Em seguida, apresentamos um estudo, ainda exploratório, de algumas correlações positivas ou negativas entre condições de acesso e as desigualdades de acesso à internet.

3.1- Informações de perfil

⁶ O questionário foi elaborado por alguns professores da Comissão de graduação da unidade, contou com a revisão da representação discente, e foi disponibilizado virtualmente aos 4.731 estudantes da escola.

Estiveram representados na amostra todos os 11 (onze) cursos de graduação existentes na unidade. Alunos ingressantes representam a parcela mais representativa dos respondentes (34,9 %); seguidos por 21,8 %, que ingressaram no ano de 2019, 18,2 % que ingressaram em 2018 e 13,9% em 2017, sendo a taxa de resposta decrescente ao longo da graduação.

No que se refere ao local de moradia das famílias, a maioria dos estudantes reside na cidade de São Paulo (52,7 %) ou em outros municípios da região metropolitana de São Paulo (23,7 %); 14,8 %, no interior ou no litoral de São Paulo; há ainda uma menor fração (8,3 %) que reside em outros estados do Brasil, e 0,5 % do exterior.

Os dados de renda familiar mensal mostram uma desigual distribuição de renda, como esperado tomando como referência a população do Estado, com predomínio de baixa renda. 49 % dos respondentes declaram renda familiar de até R\$ 3.117,00, e uma fração de 9,1 % de estudantes que declaram renda familiar superior a R\$ 10.380,00, como pode ser visto no gráfico 1.

Renda Familiar Mensal

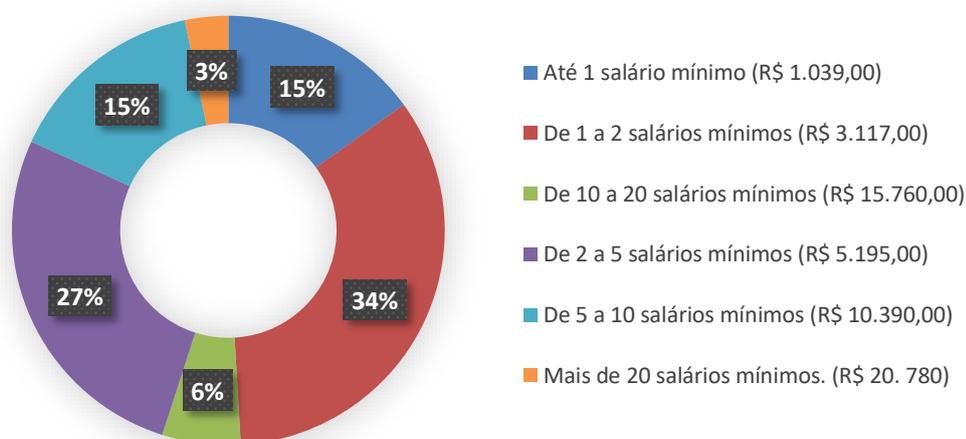


Gráfico 1. Renda familiar mensal.

No que se refere a bolsas estudantis, 58,3 % dos respondentes não recebe e/ou nunca solicitou, e 10,8 % que já solicitou algum tipo de auxílio, mas não foi contemplado. 4,4 % possui bolsas de estudo científico ou de cultura e extensão. O restante 26,6 % declarou receber auxílio permanência (ver gráfico 2).

Beneficiário de Auxílio Estudantil

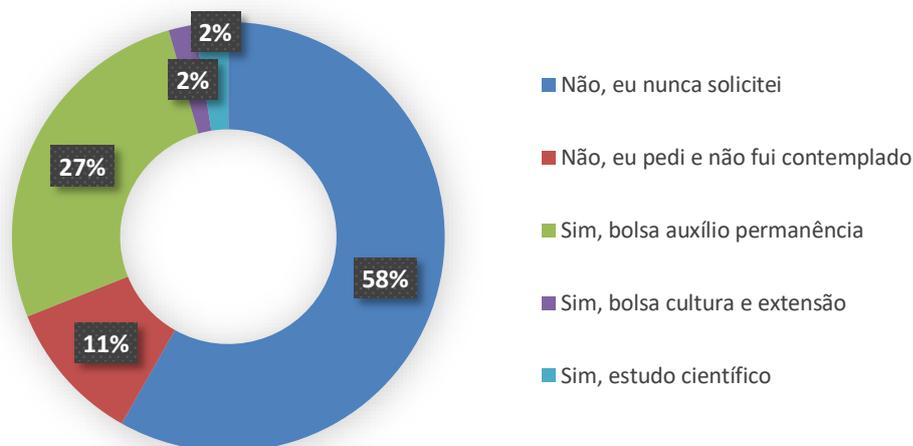


Gráfico 2. Auxílio estudantil recebido.

3.2 Condições de moradia para estudo domiciliar

Com relação ao **compartilhamento de moradia**, 76,1 % dos respondentes reside com familiares, em repúblicas (7,8 %), com amigos(as), sozinhas ou com parceiro(a). Todas essas frequências são inferiores a 10 %.

Já no que diz respeito às **condições de espaço físico para estudo domiciliar**, aproximadamente 40 % conta com um quarto individual para estudo; 23 % tem um canto tranquilo para estudar em casa; 28,5 % utiliza a mesa de refeições de uso comum para estudar. Há ainda 8,6 % de casos em outras situações.

A maioria dos respondentes (79,1 %) entrou em uma rotina de trabalho em modalidade *home office*, com isolamento social; 13,8 % das pessoas responderam que estão encarregadas de cuidar de outras pessoas; há ainda uma minoria (6,2 %) que precisa continuar se deslocando para trabalhar ou cuidar de familiares.

Merecem destaque algumas respostas abertas relacionadas com as condições de moradia, nas quais estudantes relatam dificuldades para encontrar um lugar tranquilo para

estudar e dificuldades relacionadas com a mudança na rotina familiar e/ou doméstica, como se pode visualizar nos depoimentos a seguir:

Meus estudos são feitos exclusivamente pelo computador, que está presente na sala de estar utilizada frequentemente pelos meus familiares.

Tenho um filho de 8 anos, que também está em casa pelo mesmo motivo, aulas EAD são muito complexas.

Aqui em casa não tem espaço tranquilo para estudar, pois todos os cômodos estão ocupados, não tenho um espaço apenas para estudar, o que fica inviável ter que estudar em casa por isso sempre vou a biblioteca. Moro com 4 pessoas, e todas elas usam os espaços de casa e não tem como estudar com concentração pois não é um apartamento grande!!!

É importante ressaltar que a situação de ensino não-presencial foi imposta a todos os estudantes, em todos os níveis, o que resulta, por vezes, em diversos membros de uma família ou grupo estarem em tele aula, ou necessitando de uso de computadores, ao mesmo tempo. Cabe mencionar ainda a convivência de algumas pessoas com aquelas que são do grupo de risco (idosos), que relatam ter que cuidar dessas pessoas, fazer compras para elas, entre outras atividades, o que tem exigido mudanças na organização da rotina doméstica.

3.3- Condições de acesso à internet e equipamentos

Foram levantadas informações relacionadas com as condições de acesso à Internet e os aparelhos com os quais os/as estudantes contam para a participação de aulas online e, de modo geral, para a realização das atividades acadêmicas relacionadas com o acompanhamento das disciplinas de Graduação.

Todos (100 %) os respondentes possuem algum dispositivo (celular, computador, tablet) para estudo remoto. Dentre eles, 94 % possui como ferramenta principal o aparelho de telefone celular; sendo que 11 % do total de respondentes afirma ter apenas o telefone celular como ferramenta; 89 % possui computador portátil/mesa/tablet.

Com relação ao acesso à Internet, 92,4 % conta com Internet com modem e roteador em casa (92,4 %); as demais opções, tais como diferentes pacotes de dados móveis com restrição, aparecem com frequências baixíssimas (da ordem de 1 % a 2 %). Esses dados indicam que o acesso a Internet parece não ser um problema para o corpo discente.

Essa inferência foi constatada quando foi questionado acerca da forma em que as pessoas se conectam a Internet. Importante mencionar que, nesta questão, as alternativas não são excludentes, podendo a pessoa apontar mais de uma delas. As respostas evidenciaram que a quase totalidade da amostra (92,8 %) se conecta por meio de Internet fixa em casa (banda larga); há uma significativa fração (49 %) que se conecta por meio do plano de dados do aparelho celular, dentro os quais, 39 alunos (2,3 %) se conectam com limitação de dados de 2GB/mês. Apenas 3 alunos (0,18 %) não indicaram possuir algum plano de internet residencial ou móvel, e responderam acessar apenas de lugares públicos.

No que diz respeito à relação/preocupação com o uso de dados de Internet com o plano domiciliar de banda larga (se for o caso), uma porção significativa de estudantes afirmou não ter preocupações quanto ao pacote de dados de sua Internet fixa, ou possuir capacidade de banda de acesso suficiente (79,3 %). Outras duas opções (relacionadas com algum tipo de limitação/preocupação com o limite de uso de dados) apareceram com frequências baixas (da ordem de 7 %) (ver gráfico 3).

Qualidade no Provimento de Banda Larga

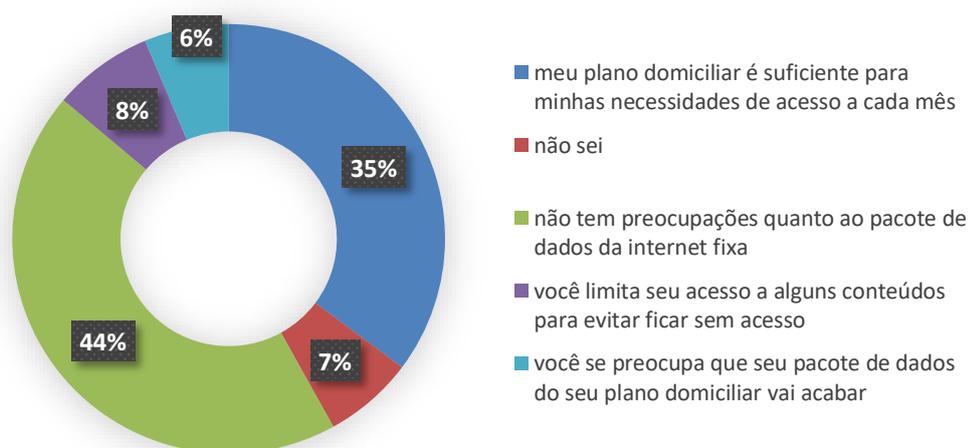


Gráfico 3. Relação com dados da Internet do plano domiciliar de banda larga

Apenas 4 pessoas (0,2 %) declaram não acessar a internet. Destes, 1 afirma que não possui acesso à internet, 2 acessam de lugares públicos, e 1 declara possuir apenas dados móveis limitados em seu plano de telefonia celular.

Embora a vasta maioria dos respondentes não apresente dificuldades de acesso à internet, há que se destacar as exceções, caso se planeje uma migração —mesmo que temporária— ao regime não presencial. Em alguns casos, há problemas por conta de falta de equipamento adequado, tal e como se pode constatar nos seguintes depoimentos:

Não tenho acesso a um computador e nem condição econômica suficiente para fazer todos os trabalhos impressos e digitalizados que as aulas exigem.

Estudo pelo meu telefone celular com os slides das matérias... Meu celular não suporta rodar vídeos e não tenho computador disponível.

Só temos um computador e minha irmã também está tendo lições e aulas online.

Eu usava a biblioteca está EACH para estudar e fazer as coisas online, agora não tenho onde estudar e as atividades online são todas e não tenho como acompanhar, não tenho notebook, computador e nada assim, só tenho meu celular que é muito ruim e modifica os sites da USP, não consigo acessar bem, não aparece algumas opções de acesso.

Esses depoimentos mostram que existem casos de estudantes com dificuldades para acessar equipamentos que o ensino a distância ou a realização de aulas e atividades online requerem.

Dificuldades com acesso à Internet foram relatadas em alguns casos, tais como equipamento apropriado, uma Internet mais rápida, dificuldades financeiras para pagar um pacote de WiFi, falhas de conexão e instabilidade da rede, velocidade de conexão, entre outras:

Meu equipamento e minha internet suprem o básico. A qualidade não é boa o suficiente para considerar atividades de videoconferência ou atividades que o sobrecarreguem ou precisem acontecer de forma ininterrupta.

Estou sem dinheiro para pagar um Wifi, o que prejudica assistir matérias EAD. Mas acho que o EAD tem funcionado muito bem, gostaria de continuar, então vou ver como minha família poderia me ajudar.

Com a demanda de acesso à internet não é possível acessar aulas ao vivo e em muitos momentos do dia a internet trava ou cai.

3.4- O ensino não presencial

Quando questionadas sobre experiências anteriores com ensino a distância, as pessoas manifestaram ter tido já alguma experiência (por exemplo, assistir livremente aulas no *YouTube*, citado em 39,4 % dos casos; estar matriculado em um curso a distância, em 16,7 % dos casos). No entanto, cabe destacar que há uma quantidade significativa de pessoas que nunca tiveram esse tipo de experiência, o que pode ser um dado importante para o redirecionamento de algumas das ações de ensino de Graduação.

Dentre aqueles/as que já tiveram experiência com ensino a distância, há uma maioria (82,7 %), que declarou não ter participado de cursos completos à distância, com controle de frequência, atividades programadas, estabelecimento de prazos, avaliação e certificação. Sobre ter assistido aulas pelo computador, 83,3 % declarou que já tem feito isso alguma vez.

O corpo docente não tem uma opinião unânime com relação à modalidade de ensino a distância, havendo casos nos quais os/as estudantes reconhecem a potencialidade dessa modalidade no enfrentamento à crise, mas sem deixar de frisar que não se trata da solução ideal e que há que se garantir flexibilidade por parte do corpo docente.

Cursos a distância funcionam muito bem. O que me chamou atenção foi que na última aula de marketing, tivemos uma boa participação dos alunos o que não ocorre nas aulas presenciais.

Para muitos estudantes atrasar a graduação não é viável. A situação pede soluções diversas, e nenhuma contemplará a todos. Mas o método ead parece a solução mais viável e com potencial.

Nada substitui a aula presencial, mas, no momento, creio que manter algum tipo de rotina de atividades possa ajudar a passar por esse período tão complicado, sempre de forma flexível e levando em conta as dificuldades enfrentadas por cada aluno.

Já há casos nos quais as pessoas se posicionam totalmente contrárias à implementação dessa modalidade de ensino em uma universidade pública, que deve garantir a qualidade do ensino e a modalidade presencial:

[Se referindo ao ensino a distância]. Não (nunca cursei), pois nunca me foi de interesse. Por mim, é preferível que o número de semestres seja aumentado em vez de ter a qualidade diminuída dessa forma.

Certos assuntos não são devidamente compreendidos sem a prática de campo mediada pelo professor, como previsto no roteiro didático. Por tanto, o aprendizado a distância perde em aproveitamento e experiência.

Não gosto do EAD, devido a relação aluno -professor se perder e muito, além da interação na sala de aula. Aulas a distância sempre acaba existindo um vazio.

Principalmente estudantes ingressantes apontam para o comprometimento na compreensão de assuntos que servirão como base para outros conhecimentos, prejudicando o aproveitamento dos estudos:

Considero que as aulas à distância estão tornando o assimilamento da matéria extremamente difícil. Além disso, considerando que, no meu caso pelo menos, ainda é o primeiro semestre, a minha base para a formação na faculdade vai estar comprometida.

Apesar de já ter assistido algumas video aulas no youtube, foi só para complementar ou retomar algum conceito, não para ter a matéria por completo. Estou tendo muita dificuldade em absorver as aulas da forma como estão sendo dadas, sinto que não estou aprendendo tanto quanto deveria e que irei para os próximos semestres com uma defasagem.

Há ainda casos que relatam dificuldades de concentração, de saúde mental e dificuldades pessoais para acompanhar as aulas à distância:

Não tenho concentração o suficiente para aulas online.

Como estamos em momento de incertezas, apreensivos, embora acredite que seja importante as teleaulas, eu ando com a concentração baixa, em virtude de tudo que está acontecendo aqui e no mundo, apesar de tentar manter a calma, paciência e a prudência diariamente.

Não tenho tranquilidade o suficiente para aulas ead, estou pensando em trancar o curso.

Eu sofro um distúrbio sério de ansiedade e estou em tratando uma depressão severa, e, com toda a situação vigente, estou tendo uma imensa dificuldade em focar nos estudos. O método EAD não tem sido nada bom para mim.

3.5- Sobre o formato e as ferramentas mais adequadas para o ensino a distância na universidade

Acerca do formato mais adequado para aulas no ensino a distância nessa situação emergencial, as opções mais citadas foram a disponibilização das aulas em modo offline para visualização posterior (81,5 %); a disponibilização de vídeos sem interação, que os alunos possam acessar a qualquer momento (59,3 %); a realização de plantões de dúvidas (50,3 %); as aulas online com interação (41,4 %). Esses percentuais podem ser observados no gráfico 4.

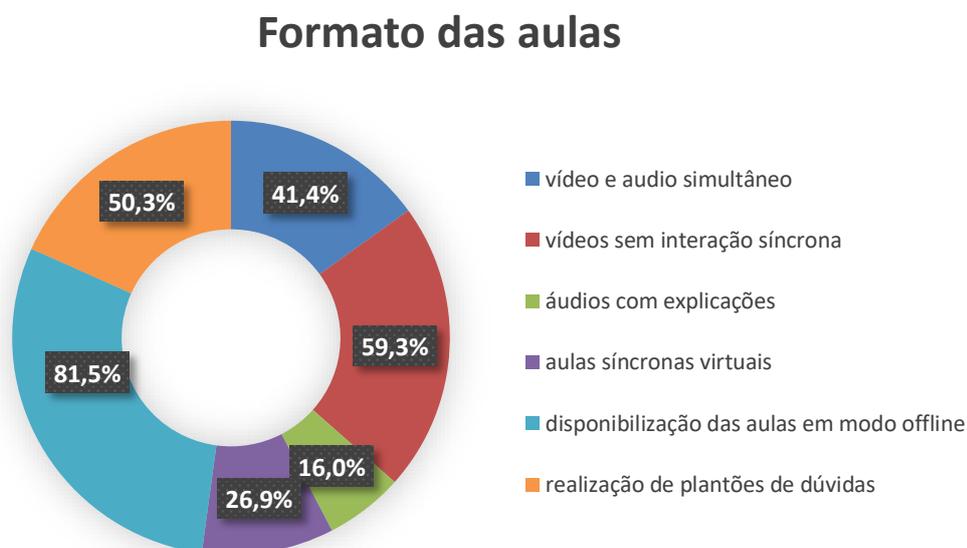


Gráfico 4. Formato das aulas virtuais sugerido pelo corpo discente

Isto é, a maioria prefere que as aulas sejam disponibilizadas em modo offline para visualização posterior, o que garantiria que estudantes com uma rotina familiar ou laboral alterada possam acompanhar as aulas nos horários em que tenham condições de fazê-lo e não apenas no horário estabelecido para a aula.

O corpo discente também se posicionou quanto às ferramentas que poderiam ser utilizadas para as aulas online ou à distância, realizando algumas sugestões ou críticas a algumas das que estão sendo utilizadas no momento:

E não gosto da ideia de grupo de WhatsApp para compartilhar informações relativas às aulas, não fica organizado.

Acho essencial um material visual feito pelos professores, visto que alguns conteúdos são de extrema importância e de difícil compreensão.

Além dos vídeos gravados pelos professores, eles poderiam ter um horário disponível para, em uma conferência online ou algo do tipo, tirar dúvidas sobre os vídeos gravados e sobre as atividades sugeridas por eles.

Caso use somente áudio (formato podcast), disponibilizar slides para acompanhar no google drive (ou outra plataforma)

Sugiro que evitem trabalhos em grupo. Na nossa situação atual, na qual os alunos são pedidos para que terminem as atividades já propostas, nós estamos sendo forçados a utilizar meios como Whatsapp e outros apps de mensagem para a realização total das tarefas. Por não ser algo presencial, é mais comum que surjam descompromissos.

Algumas matérias exigem criação de vídeo, eu não sei editar vídeo, facilitaria se tivesse algum tutorial.

3.6- Sobre a falta de preparo do corpo docente para o EaD

Várias pessoas têm destacado a falta de preparo do corpo docente para a implementação de ensino não presencial, apontando questões relacionadas com a improvisação, a excessiva quantidade de atividades, os métodos utilizados e a falta de uma organização geral. Como exemplificação das experiências vividas apresentamos alguns depoimentos:

As aulas à distância são uma bagunça e os professores são mandando muitas atividades que mais estão atrapalhando do que ajudando, pois não está dando tempo de estudar a matéria pelo livro.

Acredito que para aulas EAD, tanto alunos quanto professores precisam de uma preparação antecipada. Da forma como as coisas estão acontecendo, acho que o aproveitamento não será satisfatório para as partes envolvidas, alunos, professores e universidade.

Apenas 2 professores se manifestaram sobre aulas virtuais, onde um deles passou todos os arquivos e textos de sua matéria, e pediu resenha do conteúdo semanalmente além de trabalho para daqui 15 dias (outra resenha do conteúdo total). Ao meu ver, isso não é dar aula a distância.

Entendo que seja demasiadamente desagradável, mas espero que todos os professores considerem ministrar aulas online, e não só passar os textos e depois uma avaliação.

Seria um momento propício pensar no ensino a distância temporariamente com aulas virtuais que pudessem ser acessadas em qualquer horário e não somente os professores ofertarem bibliografia sobre suas aulas.

Ao mesmo tempo em que eu prefiro ter atividade à distância para não perder o semestre, vejo que está muito evidente o despreparo para o ead. Os professores acham que basta sentar na frente da câmera e falar. Isso sem falar na questão tecnológica (há alunos muito carentes, que só têm acesso à internet na rede da universidade, por exemplo. outros têm internet em casa, mas a qualidade é ruim, intermitente). Além desses problemas técnicos, há o contexto em si, da pandemia, que é desconhecido para todos nós, e é um elemento de temor. Por fim, não dá pra improvisar, pra ser amador.

Por favor, tentem não improvisar, avaliem o contexto, tentem se colocar no lugar do aluno, que é o público-alvo/cliente/consumidor.

Tenho interesse de manter o andamento dos estudos, mas é necessário um equilíbrio de tempo estimado para cada disciplina. O fato de não ter aula presencial não significa que a disponibilidade permanece das mesmas 4h, pois outras atividades surgiram nessa nova situação. Por favor, peço aos docentes que compartilhem entre si, as atividades que serão solicitadas, para um planejamento coerente.

3.7- Sobre a unificação de plataformas

Muito claramente, os estudantes sugeriram que houvesse uma unificação de plataforma e de ferramentas para o EaD, o que facilitaria o acesso e a organização do ensino. Nos parágrafos seguintes, se mostram alguns depoimentos a esse respeito:

Caso tenha aula EAD seria interessante todos os professores usarem a mesma plataforma.

Estudei licenciatura em educação musical na modalidade EAD (Educação à Distância) na [menciona a Universidade], lá eles utilizavam o moodle onde todos os professores disponibilizavam materiais e vídeos para as tarefas. Ressalvo que admiro meus professores pela presteza e competência com que tem nos assistido, encontrando multi meios para se comunicar conosco. Logo, creio que uma pesquisa com eles também pode ajudar-nos a conciliar essas aulas EAD feitas às pressas. Nesse momento, acredito que a descentralização de uma mídia de estudo gera insegurança e confusão para alunos e professores, por isso uma plataforma centralizando o conteúdo do curso ajudaria muito, outro exemplo é o tidia. ps: lembrando que a [menciona a Universidade] já tinha todo o material pronto por ser a modalidade do curso, no nosso caso estamos nos adaptando à situação, talvez outros institutos possam ajudar com indicação de bons veículos e plataformas EAD (...).

Os professores poderiam adotar um único sistema, pois facilitaria para todos os alunos, quando se tem inúmeros sistemas é difícil de achar o conteúdo, usar como padrão o e-disciplina (moodle) como exemplo.

Avisar coisas por mais de uma plataforma para chegar a todos. Eu recebi uma falta por não ter acesso ao moodle!

3.8- Sobre atividades avaliativas

Há uma preocupação entre os/as estudantes sobre a cobrança do corpo docente quanto a atividades e prazos para entrega. Também há uma preocupação sobre a forma e os critérios de avaliação. Em particular, eles sugerem ajustes na quantidade de atividades e textos para leitura, para uma flexibilização dos prazos de entrega das atividades, e uma flexibilização nos critérios e formas de avaliação. Em muitos casos, foi possível verificar a ansiedade e a preocupação destes estudantes para não perderem o semestre letivo:

Não é porque estou de quarentena que conseguirei ler todos os textos e artigos necessários para realizar as atividades semanalmente, na moral, põe noção na cabeça desses professores que precisamos de um prazo maior ou menos trabalho, agradeço.

Ser comunicado por parte dos professores, via email institucional da USP, as recomendações para as tarefas que por ventura os professores solicitarem para nós alunos.

Avaliações de atividades a distância devem ser feitas com maior clareza (principalmente critérios de avaliação) e com espaço de tempo plausível.

Os professores têm que pensar bem em como vão avaliar os alunos. Já temos professores pedindo vídeos e apresentações filmadas sendo que nem todos os alunos possuem computador/internet/programas para tal. Alunos sem acesso a internet podem ser prejudicados caso não haja uma alternativa. Estar disponível para tirar dúvidas também é essencial. Todos estamos muito abalados com a situação, os professores têm que agir com o máximo de empatia possível.

Acredito que os professores devem ser menos exigentes no que tange à quantidade de atividades, visto que não é porque estamos de quarentena que estamos sem fazer nada, inclusive, no meu caso estou fazendo tudo em dobro, como ir ao supermercado para vizinhos, cuidar de parentes mais velhos, etc.

3.9- Questões emocionais e apoio institucional

Vários estudantes manifestaram desconforto quanto ao não reconhecimento, ou desconsideração, de questões emocionais que estão afetando sensivelmente seus desempenhos. Foram identificados depoimentos como estes:

Devem ser levadas em conta a questão emocional do aluno, pois alguns de nós estão com parentes em outros países; outros perderam suas fontes de rendimentos; pessoas doentes, ou seja, além do isolamento outros fatores os agregam, dificultando o acompanhamento da aula. Quando eram presenciais, faltávamos, agora para acompanhar as aulas on line você precisa estar ali, conectado e às vezes alguns sentimentos nos distanciam [...]

Gostaria de salientar a necessidade do apoio institucional não só no âmbito acadêmico, mas no âmbito psicossocial tendo em vista a situação crescentemente alarmante na qual estamos adentrando.

Pedi para os meus professores que me adicionassem aos e-mails que são passados para a turma, mas não me adicionaram e eu não recebo as informações com tarefas e conteúdos. Me sinto prejudicada e perdida... O representante da sala pediu também que me adicionassem a lista e nada aconteceu.

3.10- Sugestões para a melhoria das aulas na modalidade EaD

Com data incerta para a finalização da quarentena, diante do ritmo e do desenvolvimento da epidemia no país, compreendemos que as atividades de ensino à distância teriam muito provavelmente que se prolongar por muito mais tempo. Considerando esse cenário provável, foi questionado ao corpo discente acerca das formas pelas quais teriam maior facilidade de acesso ao programa de ensino e às aulas.

A opção mais citada é a disponibilização de vídeos por parte do corpo docente, que permaneçam acessíveis para visualização offline, com 75,2 % das respostas; a disponibilização dos conteúdos pelo *Google Drive* aparece como segunda opção mais citada, com um percentual de 38,2 %. Já a opção “vídeo e áudio simultâneos para várias pessoas-professor(a) e estudantes entrando em um mesmo horário para uma espécie de videoconferência, com possibilidade de interação” aparece em terceiro lugar, com 37,7 % de frequência, e a opção “áudios gravados pelos professores e disponibilizados para serem ouvidos a qualquer momento (formato podcasts)” aparece em quarto lugar, sendo mencionada em 29,5 % dos casos. Isso indica que o corpo discente prefere a visualização de vídeos *offline*, mas valoriza também as aulas nas quais haja possibilidade de interação e de áudios explicativos. Houve algumas sugestões de melhoria no oferecimento de atividades/aulas online, que passamos a comentar a seguir, separando-as por assunto.

3.11 Análise de relações entre dados de interesse

Um dos principais questionamentos levantados pelos membros da Comissão versou sobre a capacidade de alunos com baixa renda familiar em adquirir/manter um acesso à internet de qualidade suficiente para a conclusão de suas atividades.

Dessa forma, uma primeira relação que foi sondada é entre a renda familiar e o tipo de acesso a internet dos alunos respondentes. Essa relação se mostra na tabela 1.

Tabela 1. Distribuição de respostas conjuntas observando a relação entre a renda familiar e o tipo de acesso à internet dos alunos respondentes

Até 1 salário mínimo (R\$ 1.039,00)	246	
Internet com modem e roteador em casa	192	78%
Somente dados móveis com restrição de até 6GB de dados por mês	13	5%
Somente dados móveis com restrição de até 10GB de dados por mês	5	2%
Somente dados móveis com restrição de até 2GB de dados por mês	20	8%
Somente dados móveis com restrição de até 3GB de dados por mês	8	3%
Somente dados móveis sem restrição de dados	5	2%
(vazio)	3	1%
De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 3.117,00)	557	
Internet com modem e roteador em casa	516	93%
Somente dados móveis com restrição de até 6GB de dados por mês	5	1%
Somente dados móveis com restrição de até 10GB de dados por mês	5	1%
Somente dados móveis com restrição de até 2GB de dados por mês	9	2%
Somente dados móveis com restrição de até 3GB de dados por mês	13	2%
Somente dados móveis com restrição superior a 10GB de dados por mês	4	1%
Somente dados móveis sem restrição de dados	4	1%
(vazio)	1	0%
De 2 a 5 salários mínimos (R\$ 5.195,00)	439	
Internet com modem e roteador em casa	422	96%
Somente dados móveis com restrição de até 6GB de dados por mês	2	0%
Somente dados móveis com restrição de até 10GB de dados por mês	1	0%
Somente dados móveis com restrição de até 2GB de dados por mês	6	1%
Somente dados móveis com restrição de até 3GB de dados por mês	3	1%
Somente dados móveis com restrição superior a 10GB de dados por mês	2	0%
Somente dados móveis sem restrição de dados	2	0%
(vazio)	1	0%
De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 10.390,00)	245	
Internet com modem e roteador em casa	238	97%
Somente dados móveis com restrição de até 10GB de dados por mês	2	1%
Somente dados móveis com restrição de até 2GB de dados por mês	3	1%
Somente dados móveis com restrição de até 3GB de dados por mês	1	0%
Somente dados móveis sem restrição de dados	1	0%
De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 15.760,00)	96	
Internet com modem e roteador em casa	90	94%
Somente dados móveis com restrição de até 6GB de dados por mês	2	2%
Somente dados móveis com restrição de até 10GB de dados por mês	1	1%
Somente dados móveis com restrição de até 2GB de dados por mês	1	1%
Somente dados móveis sem restrição de dados	2	2%
Mais de 20 salários mínimos. (R\$ 20.780)	53	
Internet com modem e roteador em casa	50	94%
Somente dados móveis com restrição superior a 10GB de dados por mês	3	6%

Uma análise dessa tabela mostra que não existem diferenças significativas no que diz respeito ao acesso a internet entre pessoas oriundas de famílias de baixa renda e aquelas cujos lares superaram os 10 salários mínimos, por exemplo. A única faixa de renda que exhibe um percentual inferior de acesso a internet por meio de modem e roteador no domicílio é a primeira (até um salário mínimo). Nessa faixa de renda, ainda assim, o

acesso a internet nessas condições acontece em 78 % dos casos, mas inferior aos das demais faixas de renda, que oscila entre 93 e 97 %, mostrando que a quase totalidade dos estudantes em 2020 desta unidade da USP possui esse tipo de internet. Observam-se poucas divergências nos percentuais, que parecem ser independentes da renda familiar.

Outra das relações a serem verificadas foi entre o tipo de financiamento ou bolsa estudantil e o tipo de acesso a internet. Os resultados podem ser visualizados na tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de respostas conjuntas observando a relação entre o tipo de financiamento/ bolsa estudantil e o tipo de acesso à internet dos alunos respondentes

Não, eu nunca solicitei	954	
Não acesso à internet	1	0%
Possuo plano de telefonia móvel	55	6%
Tenho banda larga (Wi-fi) em casa	888	93%
Wi-fi de lugares públicos (bares, bibliotecas, etc.)	7	1%
(vazio)	3	0%
Não, eu pedi e não fui contemplado	176	
Possuo plano de telefonia móvel	15	9%
Tenho banda larga (Wi-fi) em casa	157	89%
Wi-fi de lugares públicos (bares, bibliotecas, etc.)	4	2%
Sim, bolsa auxílio permanência	436	
Possuo plano de telefonia móvel	39	9%
Tenho banda larga (Wi-fi) em casa	386	89%
Wi-fi de lugares públicos (bares, bibliotecas, etc.)	10	2%
(vazio)	1	0%
Sim, bolsa cultura e extensão	32	
Possuo plano de telefonia móvel	3	9%
Tenho banda larga (Wi-fi) em casa	29	91%
Sim, estudo científico	41	
Possuo plano de telefonia móvel	3	7%
Tenho banda larga (Wi-fi) em casa	37	90%

Novamente, neste caso, parece não haver uma relação entre o tipo de financiamento ou bolsa e o tipo de acesso à internet das pessoas respondentes. Uma análise cuidadosa da tabela 3 mostra que, independentemente do tipo de apoio ou financiamento que o/a estudante recebe, o tipo de acesso a internet mais frequente é o mesmo (banda larga - rede WiFi doméstica). Os percentuais são muito semelhantes, entre todas as categorias de financiamento ou bolsa, se aproximando de 90 % ou superando-o levemente. Inclusive, os percentuais das outras categorias (“posso plano de telefonia móvel” e “vazio”), são muito semelhantes em todos os casos. Mais uma vez, é possível inferir que não existe

relação entre essas duas variáveis e que há uma universalização no acesso a internet na população universitária considerada aqui, entre os quais predomina amplamente a disponibilidade de rede de banda larga em casa. Uma conclusão importante desses dados é que, embora mais de 30 % dos respondentes tenham sido contrários ao uso de EaD ou da continuidade do semestre letivo, suas percepções sobre a proporção de estudantes supostamente sem acesso, não se verificam no caso particular em questão.

Em busca de uma melhor compreensão do fenômeno, procurou-se identificar a relação entre a disponibilidade de equipamentos eletrônicos e ferramentas de estudo e a percepção sobre o futuro das disciplinas, como se pode ver na tabela 3.

Tabela 3. Distribuição de respostas conjuntas dos alunos respondentes observando a relação entre a disponibilidade de ferramentas de estudo e a percepção sobre o futuro das disciplinas

	#	%
Computador de mesa	24	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	2	8%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	5	21%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	4	17%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	13	54%
Computador de mesa, Computador portátil	3	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	1	33%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	1	33%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	1	33%
Computador de mesa, Computador portátil, Telefone celular	122	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	30	25%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	19	16%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	73	60%
Computador de mesa, Computador portátil, Telefone celular, Tablet	40	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	12	30%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	5	13%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	2	5%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	21	53%
Computador de mesa, Telefone celular	165	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	41	25%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	49	30%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	10	6%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	65	39%
Computador de mesa, Telefone celular, Tablet	19	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	7	37%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	3	16%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	4	21%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	5	26%
Computador portátil	67	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	16	24%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	20	30%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	5	7%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	26	39%
Computador portátil, Telefone celular	900	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	249	28%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	192	21%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	64	7%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	395	44%
Computador portátil, Telefone celular, Tablet	94	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	24	26%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	17	18%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	4	4%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	49	52%
Telefone celular	189	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	31	16%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	88	47%
Prefiro que não haja atividades didáticas à distância	32	17%
Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP	38	20%
Telefone celular, Tablet	18	
Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais	7	39%
Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais	4	22%

Neste caso, em todos os casos, exceto pelo grupo de alunos que possuem apenas aparelho de telefone celular (189 indivíduos), a maioria deseja continuar o semestre em modalidade a distância. Entre as pessoas que somente possuem computador de mesa, a opção pela manutenção de atividades não presenciais foi indicada em 54 % dos casos. Percentuais semelhantes foram obtidos nos casos em que as pessoas dispõem de computador de mesa, computador portátil e telefone celular (60 %), ou de computador de mesa, computador portátil, telefone celular e tablet (53 %) ou de computador portátil, telefone celular e tablet (52 %). Inclusive, se somadas as categorias “gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais” e “sou favorável à manutenção das atividades à distância”), que indicam posicionamentos favoráveis à continuidade das atividades na modalidade à distância, podemos ver que os percentuais sobem para 62 %, 66 %, 85 %, 83 %, 64 %, 63 %, 72 %, 78 %, 36 % e 67 %, respectivamente, por ordem de apresentação das categorias (excluindo a categoria “vazio”), já que nesse caso a primeira opção não foi escolhida por ninguém. Reafirmando, todos os percentuais são superiores a 60 %, com a única exceção das pessoas que somente possuem telefone celular, que indicaram serem favoráveis à continuidade do semestre não presencial em apenas 36 % dos casos. Sem dúvidas, são estas as pessoas mais desfavorecidas neste sentido.

Outra informação sobre a relação entre a opinião sobre a manutenção do semestre letivo e a condição do estudante, é a distribuição por ano de ingresso, como se mostra no gráfico 5.

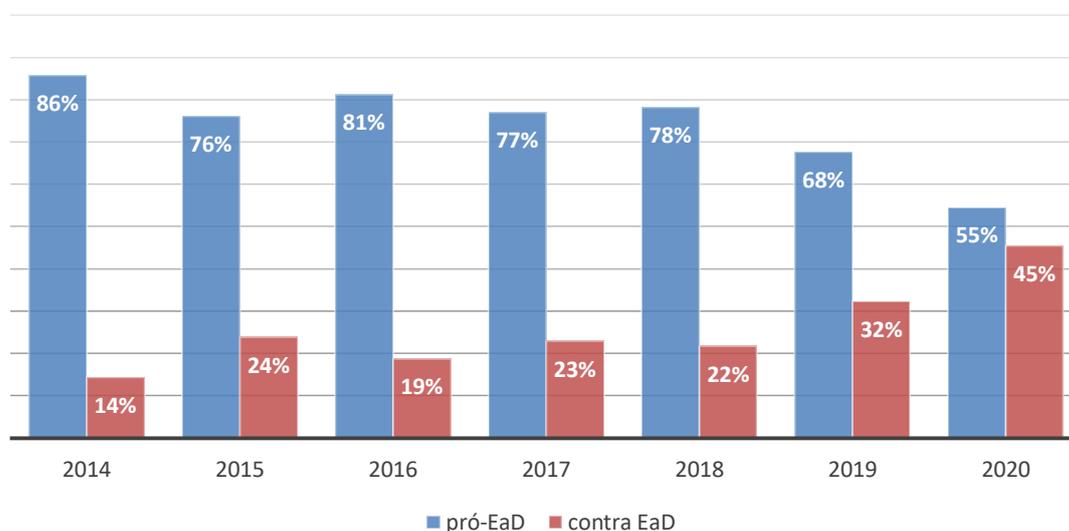


Gráfico 5. Distribuição da opinião acerca da manutenção do semestre letivo por ano de ingresso na unidade de ensino. A segmentação pró-EaD corresponde à soma das respostas “Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais” e “Sou favorável à manutenção de atividades à distância na”, enquanto “contra EaD” corresponde à soma das respostas “Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais” e “Prefiro que não haja atividades didáticas à distância”.

Observando o gráfico 6 acima, podemos verificar que as opiniões favoráveis à manutenção do semestre letivo na modalidade EaD segue, aproximadamente (já que há leves variações entre 2015 e 2018), uma tendência: quanto mais avançada nos estudos, mais o estudante defende a manutenção do semestre nessas condições. Quem parece ter uma maior predisposição à não continuidade do semestre na modalidade EaD são os ingressantes, caso em que os dois percentuais são parecidos. É para eles que a suspensão da convivência diária com os novos colegas e o ambiente universitário fazem mais falta. Isso pode ser também produto da pouca ou nenhuma familiaridade com a vida acadêmica a falta de uma rede de apoio com colegas alunos e professores, e um menor preparo para o aprendizado universitário autônomo, o que gera temor e insegurança em um cenário de incerteza.

Ao mesmo tempo, existe uma correlação, embora leve, entre o ano de ingresso e o tipo de equipamento disponível para execução de atividades didáticas. Enquanto para todos os grupos “veteranos” a fração de estudantes com apenas aparelhos de telefone celular varia entre 6 % a 9 %, no caso dos ingressantes esta fração é de 17,8 %. Possivelmente, para essa parcela dos ingressantes, até então estudantes do ensino secundário, comprar um computador portátil imponha-se como uma necessidade ao longo dos primeiros semestres na universidade, conforme percebem as distintas demandas por atividades que o curso universitário exige.

Finalmente, foi estudada a distribuição da opinião acerca da manutenção do semestre letivo por tipo de auxílio/financiamento estudantil recebido. Essa distribuição aparece no gráfico 6. Observe-se que em todas as categorias de tipo de auxílio/financiamento, as opiniões expressas neste questionário mantém-se a preferência pela continuidade do semestre por EaD. Inclusive, os percentuais mais altos de defesa desse posicionamento

se encontram justamente em estudantes que recebem auxílios e portanto, que possuem mais chances de uma origem social mais modesta. Por exemplo, no caso de “bolsa cultura e extensão” quase 90 % são pró-EaD. São as pessoas que nunca solicitaram auxílio ou que solicitaram e não foram contemplados, aquelas que apresentam maiores percentuais da categoria “contra EaD”.

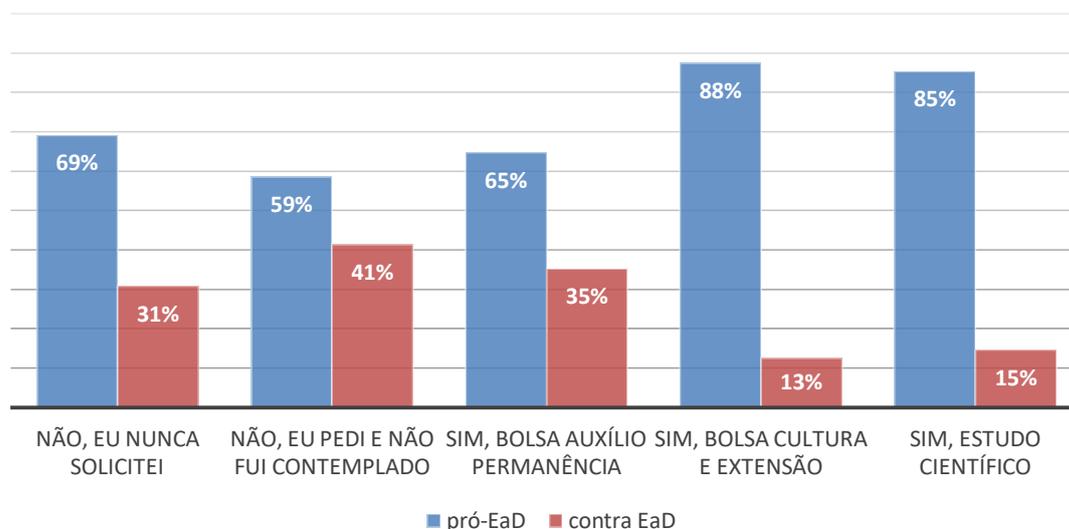


Gráfico 6. Distribuição da opinião acerca da manutenção do semestre letivo por tipo de auxílio/financiamento estudantil recebido. A segmentação pró-EaD corresponde à soma das respostas “Gostaria de manter contato com meus professores e colegas por meio de aulas não presenciais” e “Sou favorável à manutenção de atividades à distância na USP”, enquanto “contra EaD” corresponde à soma das respostas “Prefiro adiar as atividades previstas para quando pudermos retomar as aulas presenciais” e “Prefiro que não haja atividades didáticas à distância”.

4- Conclusões e considerações finais

As análises anteriores nos possibilitaram refutar a inferência, talvez demasiadamente linear, de que quanto maior for a renda familiar, ou quanto mais equipamentos um estudante possui, maior será a probabilidade de ser favorável à manutenção das atividades didáticas à distância. Outras hipóteses surgem neste momento, uma delas é de que a

opinião sobre a continuidade do semestre letivo nessas condições pode depender de outro tipo de fatores (relacionados, por exemplo, com crenças acerca a qualidade do ensino nessa modalidade) e não a fatores dependentes de renda ou de disponibilidade de aparelhos e conexão.

Foi verificado que quase a totalidade de lares (97 %) possui acesso à internet em banda larga, independentemente da renda familiar. Entretanto, ainda mais de 30% dos respondentes se colocam contrários à substituição das atividades presenciais no caso do isolamento decorrente da pandemia.

O que aparece patente é que esta resistência ao ensino não presencial ocorre mais frequentemente no grupo de estudantes que não possui computadores ou tablets em suas residências. Para estes estudantes, independentemente de renda, o acesso aos conteúdos letivos seria dificuldade por possuírem, ou acessarem conteúdos online, exclusivamente através de *smartphones*. De fato, é de considerar legítima a crítica ao acesso de conteúdos virtuais por *smartphones*, ainda mais quando consideradas as atividades de elaboração de trabalhos ou outros processos avaliativos, que naturalmente trazem uma demanda que apenas os computadores pessoais poderiam suprir. Entretanto, não se pode, para o caso do grupo de estudantes da unidade, identificar esta dificuldade como relacionada à renda familiar. Ao contrário, as evidências reunidas neste estudo demonstram uma clara preferência pela manutenção das atividades à distância e isso talvez possa ser ainda mais importante para os estudantes de origem social mais modesta. Eles, possivelmente, teriam sido os maiores prejudicados com a suspensão das atividades à distância.

Finalmente, pudemos identificar que esta dificuldade de acesso a equipamentos adequados aos estudos é mais frequente para os alunos ingressantes. A causa possível decorre da falta de necessidade durante as fases anteriores da educação básica. Aparentemente, os estudantes adquirem computadores portáteis e tablets ao longo do primeiro ano de seus estudos da universidade, decorrente de uma necessidade de cumprir as tarefas e avaliações de aprendizado.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. M. F. & Ernica, M. (2015). Inclusão e segmentação social no Ensino Superior público no Estado de São Paulo (1990-2012). *Revista Educação & Sociedade* 130 (36): 63-83.
- Baudelot, C. & Establet, R. (2009). *L'élitisme républicain. L'école française à l'épreuve des comparaisons internationales*. Paris: Éditions du Seuil et La République des Idées,
- Baudelot, C. & Establet, R. (2007). *Quoi de neuf chez les filles? Entre stéréotypes et libertés*, Nathan, coll. « L'enfance en questions », 141 p.
- Boudon, R. (1973). *L'inégalité des chances. La mobilité sociale dans les sociétés industrielles*. Paris: A. Colin.
- Bourdieu, P & Passeron, J-C. (1964). *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, P & Passeron, J-C. (2014). *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Corbucci, P. R. (2014). «Evolução do acesso de jovens à educação superior no Brasil». Texto para discussão. *Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada*. Brasília: IPEA, 2014. Disponível: <http://www.ipea.gov.br/blog/?p=2287>
- Durand Delvigne, A. & Duru-Bellat, M. (2003). “Co-educação e construção das relações de gênero”. In. Maruani, Margaret & Hirata, Helena. *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: SENAC.
- Perosa, G. & Costa de Lima, T. (2015) Uma democratização relativa. *Revista Educação & Sociedade* 130 (36).
- Ribeiro Costa, C. A., Ceneviva, R. y Brito Murillo, M. (2015). “Estratificação educacional entre jovens no Brasil: 1960 a 2010”. In: Arretche, Marta. *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora UNESP, p. 79-108.
- Ribeiro Costa, C. A. (2011). Desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil: raça, classe e gênero. *Educação on-Line (PUCRJ)*, v. 8, p. 1.
- Ringer, F. (2000). *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Edusp.